

ESTUDOS NIETZSCHE

VOL. 15 – N. 02 ISSN 2179 – 3441

O projeto nietzschiano de um cultivo europeu*

*L'élevage européen de Nietzsche***

Emmanuel Salanskis

Professor Associado de Filosofia Moderna e Contemporânea na Universidade de Estrasburgo, França. Contato: salanskis@unistra.fr

Resumo: Este artigo analisa o projeto europeu de cultivo que Nietzsche apresenta a partir de *Humano, demasiado humano*. Tento mostrar, em primeiro lugar, que se trata efetivamente de um projeto de cultivo biológico-cultural, no sentido do que Nietzsche chama de *Züchtung* em *Além do bem e do mal*; em segundo, que esse cultivo é pensado inicialmente na escala de uma Europa geográfica que se distingue dos Estados Unidos e, mais geralmente, do mundo; e, em terceiro lugar, que uma matriz essencial de toda essa reflexão é a interpretação nietzschiana do cultivo grego, isto é, do processo de mestiçagem muito complexo ao qual Nietzsche atribui o surgimento da cultura grega antiga.

Palavras-chave: Nietzsche, raça, cultivo, mestiçagem, Europa, gregos.

Abstract: This article analyzes the European project of breeding that Nietzsche presents from *Human, all too human* onwards. I try to show, firstly, that it is indeed a biological-cultural breeding project, in the sense of what Nietzsche calls *Züchtung* in *Beyond Good and Evil*; secondly, that this breeding is initially thought of on the scale of a geographical Europe that distinguishes itself from the United States and, more generally, from the world; and, thirdly, that an essential matrix of all this reflection is the Nietzschean interpretation of Greek breeding, that is, of the very complex process of intermingling to which Nietzsche attributes the emergence of ancient Greek culture.

Keywords: Nietzsche, race, breeding, miscegenation, Europe, Greeks.

* Tradução de Ana Tereza Campos Souza (Doutoranda pelo PPG-Filosofia da UFMG). Revisão técnica de Rogério Lopes (Professor Associado do Departamento de Filosofia da UFMG).

** Este artigo foi publicado inicialmente em Salanskis, Emmanuel. “L'élevage européen de Nietzsche”, no volume coletivo organizado por Cl. Bertot, P. de Corte, J. Leclercq, P. Wotling (ed.). *Nietzsche et l'Europe*. Louvain-la-Neuve: Presses Universitaires de Louvain, 2023, pp. 299-310. Gostaríamos de expressar nossa gratidão ao Professor Emmanuel Salanskis, por ter se disposto a contribuir com o presente dossiê e por ter muito gentilmente mediado as tratativas para a obtenção dos direitos de publicação desta tradução para o português. Agradecemos ainda à Presses Universitaires de Louvain, pela cessão dos direitos, na pessoa de sua editora, Sra. Bérengère Deprez (Nota do Editor convidado).

Em seu famoso comentário sobre Nietzsche, publicado em 1961, Heidegger multiplica as referências à noção de “Ocidente” (*Abendland*). Para Heidegger, é evidente que devemos reposicionar Nietzsche na história da metafísica ocidental, como o ponto culminante dessa tradição que permite, conseqüentemente, “confrontar-se” com ela (HEIDEGGER, 2008, vol.1, pp. 02-08).¹ Heidegger certamente se depara com o discurso europeu de Nietzsche em alguns momentos. Ao folhear uma edição de *A vontade de poder*, ele encontra, por exemplo, um fragmento póstumo de 1886 que contém um projeto de obra em quatro livros, cujo primeiro teria como título justamente *Der europäische Nihilismus* (FP 1887, 7 [64]). Contudo, Heidegger imediatamente ocidentaliza esse título, glosando-o nos seguintes termos: “A obra deve, portanto, começar com uma apresentação global do fato fundamental da história ocidental, reconhecido pela primeira vez por Nietzsche com essa acuidade e essa amplitude, o niilismo” (HEIDEGGER, 2008, vol.1, p. 23, trad. minha). A Europa de Nietzsche seria, então, equivalente ao Ocidente de Heidegger.²

O presente artigo tem sua origem em uma interrogação pessoal diante dessa suposta equivalência. Podemos realmente substituir tão facilmente a palavra “Europa” pela palavra “Ocidente” na obra de Nietzsche? Uma olhada nas frequências respectivas dos dois léxicos já desperta uma dúvida, para não dizer uma suspeita. Embora o vocabulário do Ocidente não esteja inteiramente ausente do corpus nietzschiano, ele é, em contrapartida, bastante marginal, com cerca de vinte ocorrências no total, mesmo quando se somam os termos derivados de *der Abendland*, *der Okzident*³ e *der Westen*. Em contraste, Europa é um termo quase onipresente, com cerca de 900 ocorrências do vocabulário europeu na obra publicada, nos fragmentos póstumos e na correspondência. Esta é uma mera indicação estatística, obviamente, mas a desproporção entre os dois registros parece evidente. Além disso, essa desproporção tende a se agravar

¹ A confrontação em questão é, em alemão, uma *Auseinandersetzung*.

² Sobre essa retradução, veja também Martin HEIDEGGER, 2008, vol. 2, p. 24: “‘europäisch’ hat hier geschichtliche Bedeutung und sagt soviel wie ‘abendländisch’ im Sinne der abendländischen Geschichte”. Observemos que essa ocidentalização da perspectiva de Nietzsche terá mais tarde uma rica posteridade na França, notadamente em Derrida que, mesmo que recuse parcialmente a leitura heideggeriana, continua visivelmente a inscrever Nietzsche na história do Ocidente. Ver Jacques Derrida: “Nesse ponto, ao radicalizar os conceitos de *interpretação*, de *perspectiva*, de *avaliação*, de *diferença* e todos os temas ‘empiristas’ ou não filosóficos que, ao longo da história do Ocidente, não deixaram de atormentar a filosofia e tiveram apenas a fraqueza, aliás inevitável, de ocorrer no campo filosófico, Nietzsche, longe de permanecer *simplesmente* (com Hegel e como gostaria Heidegger) na metafísica, teria contribuído de forma vigorosa para libertar o significante de sua dependência ou de sua derivação concernente ao logos e ao conceito correlato de verdade ou de significado primeiro, em qualquer sentido que se entenda” (DERRIDA, 1967, pp. 31-32).

³ *Okzident* ainda é escrito por Nietzsche na antiga grafia *Occident*, o que deve obviamente ser levado em consideração para se realizar um estudo exaustivo das ocorrências no site <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>

com o tempo, uma vez que as alusões ao Ocidente se concentram quase exclusivamente na década de 1870. Encontrei apenas três exceções a essa regra durante a década de 1880: a mais significativa aparece em *O crepúsculo dos ídolos*, no §39 de “Incursoes de um extemporâneo”, onde Nietzsche escreve em alemão: “Der ganze Westen hat jene Instinkte nicht mehr, aus denen Institutionen wachsen”.⁴ Esse tipo de ocorrência existe, mas na verdade se torna raríssimo nos anos 1880.⁵ E essa rarefação coloca simultaneamente um problema de interpretação: Nietzsche não parece simplesmente ignorar o quadro de leitura ocidental adotado por Heidegger. Ele parece, ao contrário, privilegiar decididamente uma perspectiva europeia, por razões que ainda não foram esclarecidas.

Se quisermos dar um sentido a esse referencial europeu, não basta, parece-me, invocar considerações genealógicas. Isso não seria uma explicação satisfatória, pois, do ponto de vista genealógico ou pré-genealógico, justamente, Nietzsche parece concordar em estender sua noção de Europa cultural ao que chamaríamos de Ocidente. Encontramos, por exemplo, uma definição da Europa que vai nessa direção no §215 de *O andarilho e sua sombra*:

Aqui, onde as noções de “moderno” e “europeu” são quase equivalentes, compreende-se por Europa muito mais que as terras abrangidas pela Europa geográfica, essa pequena península da Ásia: ou seja, também a América está incluída, enquanto filha de nossa cultura.

Muito antes do general de Gaulle, Nietzsche afirma, portanto, sem rodeios, que a América é filha da Europa.⁶ Ora, uma vez que ele subscreve claramente essa visão, poderia perfeitamente formar um conceito mais geral do Ocidente que incluiria também a América, pelo menos se o objetivo fosse apenas descrever filiações culturais.⁷

Mas, na realidade, sabemos bem que essa intenção descritiva não é o que, em última análise, preocupa Nietzsche. Uma problemática axiológica está claramente em jogo no slogan do “bom europeu” que aparece no §475 de *Humano, demasiado humano* e se generaliza, em seguida, ao longo da década de

⁴ “O Ocidente inteiro não tem mais os instintos de que nascem as instituições” (segundo a tradução de P. César de Souza).

⁵ Se traduzirmos o adjetivo *westländisch* por “ocidental” no §208 de *Além do bem e do mal*, essa escolha de tradução nos fornece uma segunda ocorrência produzida na década de 1880. Além disso, podemos enumerar uma terceira, em um fragmento póstumo de 1888: “Ich würde das Glück des ganzen Westens eintauschen gegen die russische Art, traurig zu sein” (FP 1888, 18 [9]).

⁶ Faço alusão a uma conferência de imprensa bem conhecida do general de Gaulle de 4 de fevereiro de 1965: “Trata-se do fato de que a Europa, mãe da civilização moderna, estabeleça-se do Atlântico aos Urais na concórdia e na cooperação em vistas do desenvolvimento de seus imensos recursos, e de maneira a desempenhar, juntamente com a América, sua filha, o papel que lhe cabe.”

⁷ Notemos que há, aliás, vários textos em que Nietzsche associa estreitamente os termos *Europa* e *Amerika*: por exemplo, o §271 de *Aurora* e o §44 de *Além do bem e do mal*.

1880. O Nietzsche que nos fala sobre a Europa não é, portanto, simplesmente um historiador da cultura, mas também e sobretudo um filósofo-legislador que cria novos valores para agir sobre seu tempo. Minha análise irá se concentrar especificamente nesse projeto europeu de Nietzsche. Gostaria de tentar mostrar: em primeiro lugar, que se trata de um projeto de cultivo, no sentido do que Nietzsche chama de *Züchtung* em *Além do bem e do mal*; em segundo, que esse cultivo é pensado inicialmente na escala de uma Europa geográfica que se distingue dos Estados Unidos e, mais geralmente, do mundo; e, em terceiro lugar, que uma matriz essencial de toda essa reflexão é a interpretação nietzschiana do cultivo grego, isto é, do processo de mestiçagem muito complexo ao qual Nietzsche atribui o surgimento da cultura grega antiga. Esses são, portanto, os três pontos que desenvolverei sucessivamente a seguir.

1 – Um projeto de cultivo europeu

Começemos por mostrar que um projeto de cultivo realmente fundamenta as reflexões de Nietzsche sobre a Europa. Para isso, podemos voltar a *Humano, demasiado humano*, texto no qual Nietzsche já introduz implicitamente sua noção de cultivo europeu, mesmo que o processo que descreve ainda não seja expressamente designado como uma *Züchtung* na obra de 1878. Apesar da ausência do termo, uma passagem crucial do §475 confirma a presença do conceito:

Quando a questão não for mais conservar as nações, mas criar uma raça europeia miscigenada que seja a mais vigorosa possível, o judeu será um ingrediente tão útil e desejável quanto qualquer outro vestígio nacional.

Essa citação oferece pelo menos três indicações essenciais sobre o discurso europeu de Nietzsche. A primeira é que esse discurso contraria as lógicas nacionalistas e militaristas que caracterizam, de fato, a geopolítica europeia da segunda metade do século XIX. Não obstante os intérpretes nazistas, essa condenação de uma concepção puramente alemã da “grande política”, ao modo de Bismarck, nunca foi abandonada.⁸ De resto, desde *Humano, demasiado humano* até o *Crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche recorrerá ao mesmo raciocínio psicológico-econômico para rejeitá-la: se uma pessoa dissipa seu “capital de coração e mente” (HH I 481) dessa maneira, ou seja, se ela “despende para esse [único] lado a quantidade de entendimento, seriedade, vontade, autossuperação

⁸ Nietzsche está tão preocupado em se distanciar de Bismarck a esse respeito que um dos célebres “bilhetes da loucura” de janeiro de 1889 pretendia que ele fosse fuzilado (ver Carta a Meta von Salis de 3 janeiro de 1889 [KGB III, 5]). Embora esta seja, evidentemente, uma fantasia megalomaniaca causada pelo colapso mental de Nietzsche, pode-se interpretar psicologicamente essa fantasia e vê-la como reveladora de uma antiga obsessão antinacionalista.

que a constitui” (CI, O que falta aos alemães 4), então ela se torna inútil para a cultura. Quando a Alemanha vence a guerra de 1870, é a França que “adquire renovada importância como *potência cultural*” (CI, O que falta aos alemães 4). Nietzsche defende, portanto, uma visão supranacional da Europa, na qual “não se trata mais de conservação de nações”.⁹ Essa é uma primeira indicação importante.

A segunda indicação fornecida pela mesma citação de *Humano, demasiado humano* refere-se, desta vez, ao horizonte do discurso europeu de Nietzsche: o desafio é produzir “uma raça europeia mestiça”, *eine europäische Mischrasse*. Sobre esse conceito de raça mestiça, o §272 de *Aurora* fornecerá esclarecimentos três anos mais tarde, ao especificar que “raças cruzadas são sempre, ao mesmo tempo, culturas cruzadas, moralidades cruzadas”. Quando Nietzsche fala de mestiçagem ou cruzamento, ele tem em vista, então, um processo indissociavelmente cultural e biológico. Esse entrelaçamento não é, na verdade, surpreendente no contexto de uma concepção lamarckiana da hereditariedade, que não admite nenhuma fronteira definitiva entre o inato e o adquirido, mas supõe, ao contrário, que uma longa incorporação cultural acaba por transformar as qualidades e preferências hereditárias de uma linhagem. Podemos, em particular, remetermo-nos neste ponto ao §47 de “Incursões de um extemporâneo”, de *Crepúsculo dos ídolos*, texto no qual Nietzsche sugere que a “beleza de uma raça ou de uma família” é “o produto final do trabalho acumulado das gerações”. A respeito do modo de vida notável cuja incorporação transgeracional supostamente engendra essa beleza, Nietzsche ainda acrescenta: “em duas, três gerações, tudo já está *internalizado*” (CI, Incursões de um extemporâneo 47). Richard Schacht analisou esse texto em seu artigo de 2013 sobre “Nietzsche e o Lamarckismo”. Concordo inteiramente com suas conclusões. Estamos, de fato, diante de um pensamento sobre a hereditariedade dos caracteres adquiridos que justifica o uso da palavra “raça” em um sentido evolucionista e não essencialista (SCHACHT, 2013, pp. 264–281, em particular p. 272). Essa premissa lamarckiana é, portanto, uma das razões pelas quais Nietzsche descreve seu projeto europeu como um projeto de cultivo (*Züchtung*) durante a década de 1880. Trata-se de uma reformulação que pode ser localizada em um fragmento póstumo de 1884, no qual Nietzsche imagina a página de rosto de uma futura obra: “*Os bons Europeus*. Propostas com vistas ao cultivo de uma nova nobreza. Por Friedrich Nietzsche” (FP 1884, 26[320], trad. minha). De passagem, está claro que aqui se trata de *Züchtung* e não de *Bildung*, ao contrário do que sugere a tradução de Jean Launay, publicada pela Gallimard, que fala aqui de “formar” uma nova nobreza. Na realidade, a conotação zoológica trazida pela

⁹ Aos antípodas da “abominável política de interesses das dinastias europeias” tal como é denunciada por um fragmento póstumo de 1888 (FP 1888, 25[1], trad. minha).

palavra *Züchtung* é intencional da parte de Nietzsche.¹⁰ E ela é, aliás, confirmada em 1886 pelo § 251 de *Além do bem e do mal*, cujas últimas linhas assimilam o “problema europeu”, tal como Nietzsche o compreende, ao problema do “cultivo de uma nova casta que governe a Europa” (BM 251). Fórmula que se torna retrospectivamente inquietante dada a apropriação nazista, mas, como argumenta Schacht, esse cultivo pode significar tanto uma *cultivation* quanto uma *breeding* (SCHACHT, 2013, p. 270). E, por outro lado, governar a Europa não significa conquistá-la, como lembrei anteriormente.

Por fim, chamo a atenção para um terceiro aspecto da citação de *Humano, demasiado humano* feita anteriormente, que é o papel que Nietzsche atribui aos Judeus. Trata-se aqui também de uma orientação duradoura do pensamento nietzschiano, que estabelece uma ligação evidente entre o § 475 de *Humano, demasiado humano* e o § 251 de *Além do bem e do mal*, pois em ambos os textos Nietzsche faz questão de incluir os Judeus em sua miscigenação europeia. Em outras palavras, o desejo de um novo cultivo europeu anda de mãos dadas com uma posição explicitamente anti-antisemita. Este ponto é ainda mais notável quando se pensa na posterior apropriação nazista do vocabulário da *Züchtung*. Se considerarmos em particular o infame livrinho de Alfred Baeumler, *Nietzsche, der Philosoph und Politiker*, cuja primeira edição foi publicada em 1931, infelizmente não ficaremos surpresos por constatar que seu autor ignora completamente essa vontade de inclusão dos Judeus, ainda que ele consagre toda uma seção à expressão *Der gute Europäer* (BAEUMLER, 1931, pp. 173–177). É exatamente a estratégia de supressão denunciada por Walter Kaufmann em *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist* (1974, pp. 40–41, 78). Nietzsche diz, no entanto, de forma totalmente explícita, que se deveria experimentar cruzamentos judaico-prussianos, “[para] ver se não é possível, por meio do cultivo, juntar e enxertar na arte hereditária de comandar e obedecer [...] o gênio do dinheiro e da paciência (e, antes de tudo, um pouco de espírito e espiritualidade [...])” (BM 251):¹¹ aliás, a explicação desse parêntese é que, segundo Nietzsche, os oficiais prussianos carecem cruelmente de espírito, o que provavelmente não agradou muito a Baeumler. Na perspectiva de Nietzsche, os Judeus são, portanto, um ingrediente europeu útil ao qual o filósofo-cultivador

¹⁰ “Somente esses termos zoológicos exprimem realidades”, dirá o *Crepúsculo dos ídolos* a propósito da linguagem da *Züchtung* e da *Zähmung* (ver CI, Os “melhoradores” da humanidade 2).

¹¹ Sobre esse cruzamento experimental imaginado por Nietzsche, ver SALANSKIS, 2013, p. 186. A interpretação que defendo neste artigo é a de que a perspectiva de cruzamento sugerida por Nietzsche não é uma simples brincadeira de sua parte: aliás, encontramos ainda um esboço dela em um fragmento póstumo de 1885, que por sua vez trata do *Problem einer Verschmelzung der europäischen Aristokratie oder vielmehr des preußischen Junkers mit Jüdinnen* (FP 1885, 36 [45]). De modo geral, parece-me um equívoco que se oponha a brincadeira à seriedade em um autor que apresentou como epígrafe a *O Caso Wagner* a fórmula *ridendo dicere severum*.

deverá oportunamente recorrer, assumindo uma posição antípoda à do antissemitismo nazista.

Estas são, em todo caso, três características determinantes da problemática do cultivo europeu tal como é pensada por Nietzsche, de maneira coerente, durante pelo menos uma década.

2 – Um enquadramento provisoriamente limitado à Europa cultural e geográfica

Não falarei mais sobre o projeto em si. Passo agora à questão do seu enquadramento geográfico. Esse problema é dificultado, quando percorremos o corpus relevante, pelo fato de Nietzsche pensar frequentemente em várias escalas: o que significa que uma escala não exclui necessariamente a outra, mas que vários níveis de reflexão podem se articular em um cálculo estratégico complexo, que possui suas etapas e cronologia.

Nesse sentido, alguns textos dão a impressão de que Nietzsche concebe seu projeto de cultivo em escala mundial. Já se pode ter essa sensação ao ler *Humano, demasiado humano*, ou seja, no momento preciso em que o horizonte de uma nova miscigenação europeia é definido. Isso se dá pelo fato de que, paralelamente a esse discurso europeu, e obviamente sem contradizê-lo, *Humano, demasiado humano* também descortina a perspectiva de um governo planetário que se fixaria em objetivos ecumênicos. Esse governo é designado em alemão como uma *bewusste Gesamtregierung* no §25 ou como uma *Erdregierung des Menschen im Grossen* no §245. O §245 fala mais precisamente sobre esse assunto: “o próprio homem deve tomar nas mãos o governo terreno da humanidade, sua 'onisciência' tem que velar com olho atento o destino futuro da cultura” (HH I 245). Trata-se, portanto, de um apelo de Nietzsche a uma espécie de planejamento em escala terrestre. A palavra *Züchtung* ainda não é mencionada nesse texto, mas o será mais tarde em referência à mesma temática. Nós a encontramos, por exemplo, claramente em um fragmento póstumo de 1888 frequentemente citado, que define a “grande política” no sentido nietzschiano: o objetivo dessa grande política é, nos diz Nietzsche, “cultivar a humanidade como um todo”, *als Ganzes* (FP 1888–1889, 25[1], trad. minha). O objetivo visado parece ser, portanto, o de um cultivo planetário, o que, aliás, levanta muitos problemas filosóficos. Mas me concentro aqui em questões de escala.

Pode-se concluir que o discurso europeu de Nietzsche é, de fato, uma forma disfarçada de se referir ao Ocidente? Na verdade, outros textos refutam essa conjectura. É o caso especialmente do §208 de *Além do bem e do mal*, que também é um texto importante sobre a grande política, na medida em que ele conclui com a afirmação: “O tempo da pequena política chegou ao fim: já o próximo século já traz a luta pelo domínio da terra, – a *compulsão* à grande

política” (BM 208). Há, nesse texto, um paradoxo espacial: mesmo que Nietzsche fale de “domínio da terra”, o que ele concretamente deseja é uma unificação da Europa diante da ameaça russa. Essa injunção se insere, portanto, em um contexto geográfico mais limitado. Os países que são explicitamente mencionados no raciocínio político de Nietzsche são apenas a França, a Alemanha, a Inglaterra, a Espanha e a Itália. Há até uma alusão pontual à Córsega, mas absolutamente nada sobre os Estados Unidos ou qualquer outro país não europeu suscetível de ser integrado à dinâmica de unificação aqui considerada. Mais profundamente, a própria ideia de pôr fim à *Kleinstaaterei* e à *Vielwollerei* da Europa, portanto, à sua “fragmentação em pequenos estados” e à sua “multiplicação de vontades” (BM 208), provavelmente só faz sentido no contexto da Europa geográfica do final do século XIX, uma vez que esta está de fato fragmentada. Não se poderia, provavelmente, transpor a mesma exigência de unificação para os Estados Unidos, na medida em que a união americana já é uma realidade política em 1886, pouco mais de vinte anos após o fim da Guerra de Secessão.

Parece, portanto, haver dois níveis do projeto: um nível europeu e um nível mundial. Mas, como sugeri anteriormente, essa dualidade não precisa ser interpretada como uma contradição. Nietzsche pode perfeitamente estabelecer objetivos mundiais a longo prazo, ao mesmo tempo que escolhe inicialmente um enquadramento europeu para sua empreitada.¹² No fundo, um europeu do século XIX ainda poderia pensar que o destino da Europa determinaria o do mundo. E é provavelmente essa a aposta que Nietzsche fez em suas previsões zaratustrianas de muito longo prazo.

Dito isso, uma questão complementar é a de saber por que a Europa constituiu para Nietzsche um espaço estratégico privilegiado para implementar seu projeto de *Züchtung*.

3 – O modelo grego

Com relação a isso gostaria de propor uma hipótese que será desenvolvida nesta última parte do artigo. Se Nietzsche privilegia o espaço europeu no plano prático, é, parece-me, porque ele tem em mente uma analogia estruturante entre a Europa e a Grécia antiga. A miscigenação europeia é pensada a partir do modelo da miscigenação grega, tal como Nietzsche a analisou desde os anos de 1875-76, em seu curso de filologia sobre *O Culto grego*. De fato, esse curso já introduz o tema da mestiçagem, na medida em que ele recusa toda tentativa de

¹² Notemos que a Europa cultural é para Nietzsche um subconjunto da Europa geográfica, como testemunha a seguinte passagem de *O andarilho e sua sombra*: “nem toda a Europa se insere na noção cultural de ‘Europa’; apenas as nações ou partes de nações que têm um passado comum em Grécia, Roma, judaísmo e cristianismo” (AS 215).

atribuir aos gregos uma proveniência homogênea, seja essa homogeneidade explicada por uma autoctonia fantasiosa ou pela invasão dórica. Haveria, portanto, uma matriz grega para a mixofilia nietzschiana, se admitirmos que os gregos são a primeira e a principal ilustração do princípio que Nietzsche generalizará dez anos mais tarde em um fragmento póstumo de 1885: “Onde as raças são miscigenadas, fonte de grande cultura” (FP 1885, 1[153], trad. minha).

Menciono agora os elementos que me parecem sustentar essa leitura. Começo mostrando que existe uma ligação incontestável, no pensamento de Nietzsche, entre a miscigenação europeia e a miscigenação grega. Sobre esse ponto, podemos nos referir novamente ao §272 de *Aurora*, mas interpretando prudentemente esse texto difícil, porque seu título provocador, *A purificação da raça*, poderia facilmente nos levar a um equívoco acerca da posição de Nietzsche. Na realidade, como mostra a continuação do texto, trata-se de uma purificação lamarckiana que não se daria por uma simples seleção de reprodutores. Nietzsche contesta, de fato, qualquer ideia de pureza original das raças. Segundo ele, “provavelmente não existem raças puras, mas apenas depuradas, e em número muito pequeno”. A pureza deve, portanto, ser considerada muito menos como uma origem do que como um resultado final possível, e, na verdade, muito raro, de um processo de incorporação bem-sucedido. É nesse sentido preciso que uma raça miscigenada pode se tornar pura, por uma espécie de maturação interna que a leva a digerir sua diversidade inicial. Mas é sobretudo a conclusão dessa análise que me interessa aqui. Na última frase do parágrafo, após um travessão revelador, Nietzsche cita os gregos como um exemplo dessa dinâmica, sugerindo que a Europa deveria tomá-los como modelo: “Os gregos nos dão o exemplo de uma raça e cultura depuradas: e oxalá também se constitua, um dia, uma raça e uma cultura europeia pura” (A 272). Essa frase ilustra bem o que eu chamei há pouco de uma analogia estruturante entre a Grécia e a Europa. Partindo do princípio de que os gregos foram uma raça miscigenada antes de se tornarem eles mesmos, Nietzsche deduz que uma raça europeia miscigenada também poderia experimentar uma maturação bem-sucedida. Em outras palavras, esse § 272 exprime, na linguagem da purificação, uma profissão de fé mixófila, em nome de um modelo grego.

O pressuposto é, a esse respeito, uma interpretação da cultura grega antiga em termos de miscigenação. Ora, de onde vem essa matriz interpretativa? Como disse anteriormente, parece-me que um texto crucial a esse respeito é o curso de 1875-76 sobre *O Culto grego*. De fato, Nietzsche refletiu muito nesse contexto sobre o mosaico de influências estrangeiras às quais os gregos foram expostos. Lê-se já no primeiro parágrafo: “[Os gregos] certamente não são *originais*, no sentido de um culto que teria permanecido inteiramente autóctone e inalterado; ao contrário, os *elementos* de seu culto são encontrados por toda parte” (*Der Gottesdienst der Griechen*, KGW, II, 5, Introdução, §1, p. 364, trad.

minha). Essa é a tese norteadora da introdução, que os parágrafos seguintes procuram então estabelecer, procedendo a uma estimativa (*Überschlag*) “de todos os elementos diversificados sobre os quais o culto grego se baseava” (§4, p. 377, trad. minha): elementos semíticos (§5), trácios (§6), itálicos (§7), e até mesmo o culto às árvores, autóctone e anterior à conquista helênica (§9). Nietzsche está pronto a admitir que nada disso era novo na religião grega: de um ponto de vista analítico, seríamos, portanto, tentados a reduzi-la a um conjunto de empréstimos estrangeiros. Mas isso não é justamente o que Nietzsche quer sugerir em última análise. Ele coloca, ao contrário, seu chapéu de filólogo clássico para destacar a notável capacidade de assimilação e ordenação que os gregos demonstraram ao fazer esses empréstimos. Graças ao seu senso de κόσμος, isto é, da ordem e da beleza, os gregos fizeram frutificar a herança heterogênea que haviam recebido.¹³ Pode-se ver nisso uma outra forma de criatividade, como Nietzsche observa no final do § 4 da introdução: “Seja qual for o dote comum, seja o. que for que os gregos tenham tomado de outros lugares, eles o embelezam. Esse é o seu lado mais brilhante: a apropriação e superação do que é estrangeiro” (§4, p. 377, trad. minha).

Para Nietzsche, a religião grega nasceu, então, de uma mestiçagem bem assimilada. Certamente é esse tipo de análise histórica que fundamenta a bela sentença da segunda *Consideração extemporânea*, segundo a qual “os gregos pouco a pouco aprenderam a *organizar o caos*” (HV 10). Mas uma outra forma equivalente de dizer isso, para Nietzsche, seria dizer que os gregos inicialmente constituíam uma raça cruzada. Um fragmento póstumo de 1875 de fato pensa em termos de cruzamento para contestar o mito de uma homogeneidade racial dos gregos. Citarei aqui apenas o final desse fragmento: “O que são os ‘gregos de raça’? Não basta admitir que os itálicos, ao se acasalarem (*gepaart*) com elementos trácios e semitas, se tornaram *gregos*?” (FP 1875, 5[198], trad. minha). E Nietzsche destaca aqui em alemão a palavra *Griechen*, como que para fazer os gregos surgirem visualmente desse *caldeirão cultural*. Parece-me evidente que encontramos aqui, na admiração de Nietzsche pelos gregos como um povo de cultura e origem miscigenada, a principal fonte de sua mixofilia.

Terminarei minha exposição justificando a noção de “cultivo grego”. Mesmo que ainda fosse um caso isolado na época, já podemos ver a problemática do cultivo se ligar ao esquema de mestiçagem no decorrer do mesmo ano de 1875, pois é justamente em um fragmento póstumo deste ano que Nietzsche emprega pela primeira vez o vocabulário do cultivo em relação aos gregos, escrevendo mais precisamente o seguinte: “Onde algo grandioso aparece, durante um período um pouco longo, podemos perceber previamente um cultivo

¹³ “Os gregos são notáveis precisamente pelo seu sentido da *ordem*, da estrutura, da beleza, do κόσμος” (§4, p. 376, trad. minha).

cuidadoso, por exemplo, entre os Gregos” (FP 1875, 5[25], trad. minha). Certamente, é necessário reconhecer que se trata de um único fragmento póstumo e que, além disso, ele é muito curto. Contudo, ao aproximar esse texto do curso sobre o *Gottesdienst* e do outro fragmento de 1875 que critica o conceito de “gregos de raça”, podemos reconstruir com plausibilidade uma concepção embrionária do cultivo grego como mestiçagem progressivamente assimilada. A máxima histórica que resulta disso é que é preciso tempo para integrar a mistura que nos constitui.

4. Conclusão

Neste artigo, procurei demonstrar que uma concepção de “cultivo grego”, através de um processo inicial de mestiçagem e subsequente incorporação, foi a matriz do projeto europeu de Nietzsche. Esse modelo grego pode lançar luz não apenas sobre o objetivo de produzir uma *Mischrasse*, mas também sobre o porquê da escolha da Europa como um enquadramento estratégico. De fato, apesar de sua fragmentação, ou talvez justamente graças a ela, a Europa do século XIX interessa ao filósofo-cultivador, que é a extraordinária mistura de influências nacionais de que ela é palco (BM 208): é precisamente essa diversidade que torna a Europa, pelo menos potencialmente, um caldeirão cultural análogo à Grécia antiga.

Contudo, se seguirmos essa interpretação, então a Europa do projeto não se confunde simplesmente com o Ocidente, e não podemos, sem mais rodeios, dissolver a referência europeia de Nietzsche em uma perspectiva planetária.¹⁴ Nietzsche foi uma testemunha da Europa de seu tempo, ameaçada pelos ódios nacionalistas, pelo jogo das alianças militares e pela ascensão do antissemitismo. Ele buscou responder filosoficamente a essa tripla ameaça na escala geográfica onde ela se manifestava — pelo menos em um primeiro momento.

Referências bibliográficas

BAEUMLER, Alfred. *Nietzsche der Philosoph und Politiker*. Leipzig: Verlag von Philipp Reclam, 1931.

DERRIDA, Jacques. *De la grammatologie*. Paris: Éditions de Minuit, 1967.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche* vols. 1 e 2. Stuttgart: Klett-Cotta, 2008.

¹⁴ No sentido em que Martin Heidegger caracteriza a metafísica nietzschiana como *europäisch-planetarisch* (Nietzsche, 2008, vol. 2, p. 300).

KAUFMANN, Walter. **Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist**. Princeton: Princeton University Press, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe auf der Grundlage der Kritischen Gesamtausgabe Werke**, herausgegeben von Giorgio Colli undazzino Montinari, Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1967ff. und Nietzsche Briefwechsel Kritische Gesamtausgabe, Berlin – New York, Walter de Gruyter, 1975ff., herausgegeben von Paolo D'Iorio. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/texts/eKGWB>

NIETZSCHE, Friedrich W. **Sobre a utilidade e a desvantagem da história para a vida**. Trad. de André Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, demasiado humano**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, Demasiado Humano II**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Aurora**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos ídolos**. Tradução de P. César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SALANSKIS, Emmanuel. Sobre o eugenismo e sua justificação maquiaveliana em Nietzsche, **Cadernos Nietzsche**, 32, 2013, p. 167–201.

SCHACHT, Richard. Nietzsche and Lamarckism, **The Journal of Nietzsche Studies**, 44/2, 2013.